

Teoria da Argumentação na Língua e a construção de blocos semânticos: relações de sentido em um texto jornalístico

*Language Argumentation
Theory and construction of
semantic blocks: meaning
relations in a journalistic text*

Rita de Cássia Dias Verdi FUMAGALLI (UPF)
ritacassiafumagalli@gmail.com
Ernani Cesar de FREITAS (UPF)
ecesar@upf.br

FUMAGALLI, Rita de Cássia Dias Verdi; FREITAS, Ernani Cesar de. Teoria da Argumentação na Língua e a construção de blocos semânticos: relações de sentido em um texto jornalístico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 193-214, jan./jun. 2017.

Resumo: A temática deste estudo consiste em sistematizar e aplicar alguns conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e colaboradores (1988, 2002), mais especificamente no que se refere ao terceiro momento da teoria: o modelo teórico dos Blocos Semânticos. O objetivo do trabalho volta-se para a construção do sentido dos enunciados presentes em um texto jornalístico a partir das relações argumentativas que estabelecem entre si. Para tanto, será utilizada, como *corpus* do estudo, a notícia veiculada pelo jornal Zero Hora, no site ZH-Clic RBS, no dia dois de novembro de 2016, que revela a concordância de 57% da população brasileira com a declaração “bandido bom é bandido morto”, segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, entre os dias primeiro e cinco de agosto do corrente ano. Tal proposta se justifica em virtude de que os preceitos da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor do sentido global do discurso da notícia analisada, uma vez que as palavras não são tomadas isoladamente, nem em sentido literal, mas pela união com outras palavras, enunciados, parágrafos e pelo conjunto

de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua. Com base nos resultados encontrados, observa-se que os estudos de Ducrot e de Carel (2005) contribuem para a compreensão do funcionamento discursivo de um texto jornalístico, uma vez que o sentido é construído, segundo a TBS, no seu próprio interior e não na relação desse com um fato externo.

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua. Blocos Semânticos. Discurso. Texto jornalístico.

Abstract: The theme of this study is to systematize and apply some important concepts from Language Argumentation Theory (LAT), from Oswald Ducrot and his contributors (1988, 2002), mainly about the third moment of the theory: the theoretical model of semantic blocks. The focus of this study is on the meaning construction of the utterances presented in a journalistic text, in which we observe the argumentative relations they establish among themselves. In order to do that, we have, as the corpus of this study, a piece of news spread online by the newspaper Zero Hora on November 2nd 2016, which reveals that 57% of the Brazilian people agree with the sentence “a good thief is a dead thief”, having as its reference a Datafolha research carried out among August 1st and 5th of 2016. Our proposition is justified due to the precepts of the Semantic Blocks Theory (SBT) that can be used as a resource to facilitate and clarify the global meaning of the speech used on the news we are analyzing. That happens because the words are not taken isolated, not even in literal sense, but rather through the union with other words, utterances, paragraphs and by the range of argumentative possibilities preexisting within the language itself. Basing ourselves on the achieved results, we observe that the studies of Ducrot and Carel (2005) help to understand how a journalistic text works in a speech once the meaning is constructed, according to SBT, within itself and not in relation to the external fact.

Keywords: Language Argumentation Theory; Semantic blocks; speech; journalistic text.

Considerações iniciais

O tema deste estudo tem como foco a análise de um texto jornalístico sob o viés da Semântica Argumentativa, vertente teórica que estuda o sentido construído pelo linguístico. A delimitação do trabalho consiste em um exercício de aplicação teórico-prática com base na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), vinculada à Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e colaboradores (1988, 2002).

A questão norteadora deste estudo parte do fato de que os preceitos teóricos da TAL, mais especificamente sua última fase, a TBS, podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor dos múltiplos sentidos produzidos em diferentes tipos de entidades linguísticas, uma vez que contribuem para pensar o texto como um conjunto de encadeamentos argumentativos, ligados por conectores *donc* (DC) e *pourtant* (PT).

Nesse sentido, salienta-se a importância de um estudo sob o enfoque teórico-metodológico da semântica argumentativa, especialmente a TBS, uma vez que essa metodologia contribui para

pensar a língua enquanto ela mesma, sem influências outras, na sua própria materialidade significante.

O objetivo do trabalho volta-se para o sentido dos enunciados por meio da construção dos blocos semânticos. A TBS aplicada ao gênero notícia possibilita perceber o sentido apreendido das diferentes expressões dentro do texto, uma vez que as palavras não são tomadas isoladamente, nem em seu sentido literal, mas pela união com outras palavras, enunciados, parágrafos e pelo conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua.

O *corpus* escolhido corresponde ao gênero notícia *online*, que tem características próprias, sendo o suporte *web* uma das mais marcantes, pois é o que a diferencia das notícias veiculadas em jornais impressos.

A notícia selecionada possui como temática a pesquisa divulgada na quarta-feira, 02 de novembro de 2016, pelo Datafolha. De acordo com a recente pesquisa, a famosa definição de que “bandido bom é bandido morto” tem a concordância de 57% da população brasileira. Para a pesquisa foram ouvidas 3.625 pessoas, em 217 municípios, entre os dias primeiro e cinco de agosto do corrente ano.

Para fundamentar a análise do *corpus* faz-se necessário, primeiramente, uma sistematização teórica de alguns dos principais conceitos da semântica argumentativa que embasam as três fases da teoria: a forma *standard*, a forma *standard* ampliada, que acrescenta outras noções à TAL, principalmente a noção de topos e de polifonia, e a TBS. Tais fases serão explicadas brevemente nesse trabalho, com ênfase à fase mais atual, a TBS, desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel (2005), que servirá de base para a análise do texto em foco.

Teoria da Argumentação na Língua: conceitos fundamentais

A área de estudos na qual se inscreve a TAL é a da Semântica Argumentativa, criada em 1983, na *École des Hautes Études en Sciences* de Paris, na França, por Oswald Ducrot, em conjunto com Jean-Claude Anscombe e continuada atualmente por Ducrot e Carel, no mesmo centro de pesquisa francês.

Essa vertente teórica possui como principal postulado que a argumentação está na língua e não depende de um contexto, de uma situação externa. Seu objeto de estudo é o sentido linguístico que se produz, não na língua, mas no discurso, no emprego da língua (BARBISAN, 2002). Dessa forma, o enunciado é tomado como uma

unidade de sentido constituído na relação interna entre segmentos e relações externas com outros enunciados do texto¹.

Em outras palavras, a TAL fornece subsídios para a compreensão do funcionamento da linguagem, uma vez que concebe a argumentação como a construção de sentido por parte de um locutor que, ao produzir discurso, coloca em relação os signos da língua.

Assim, a TAL toma o termo “argumentação” em uma acepção que a distingue completamente da concepção tradicional da argumentação, em que o sujeito falante apresenta um argumento (A) como justificativa para uma determinada conclusão (C). De acordo com Ducrot (1988), o argumento contém um fato e se constituiu na apresentação de uma razão, o laço de união entre o fato e a conclusão não está vinculado à língua, depende da lógica e da psicologia, nunca da linguística. Desse ponto de vista, o movimento argumentativo ocorreria independentemente da língua, sendo a argumentação exterior à língua.

Ducrot (1988) considera insuficiente essa concepção tradicional de argumentação, uma vez que, o poder argumentativo de um enunciado não é determinado somente pelo fato que expressa esse enunciado, mas também por sua forma linguística. Nas próximas subseções, serão apresentados os três momentos que compõem a TAL, proposta por Anscombre, Ducrot e Carel.

Forma standard: uma relação entre argumento e conclusão

Ao longo de seu desenvolvimento, a TAL experimentou diferentes fases e formas. A primeira fase da teoria, conhecida como fase *standard*, apresenta a noção de que as palavras portam argumentações e que o valor argumentativo de um enunciado, o sentido, é definido como o conjunto das conclusões às quais se pode chegar a partir dele e depende da continuação discursiva de enunciados.

A noção de valor argumentativo é fundamental para o princípio da forma *standard*, que consiste na ideia de que as palavras, os enunciados, não têm sentido antes das conclusões deles tiradas. Desse modo, o valor argumentativo une os aspectos subjetivo e intersubjetivo do sentido de um enunciado, conforme evidenciado no exemplo “Faz bom tempo”. No entendimento de Ducrot (1988², p. 50, tradução nossa), nesse enunciado,

1 O texto, entidade abstrata e complexa, é uma sequência de frases, e o discurso é a sequência de enunciados relacionados entre si, entidade concreta, empírica, objeto de análise (FREITAS, 2007, p. 25).

² En este enunciado hay un aspecto objetivo porque describe el tiempo que está

há um aspecto objetivo porque descreve o tempo que está fazendo no momento: diz que não está chovendo, não há vento e nuvens, etc. Há também um aspecto subjetivo porque este enunciado indica, na maioria dos casos, certa satisfação do locutor pelo tempo que faz [...]. Ademais, há um aspecto intersubjetivo, porque o discurso permite ao locutor propor ao seu interlocutor uma saída, por exemplo.

Por essa razão, o valor argumentativo de uma palavra é a orientação que essa palavra ou enunciado dá ao discurso. Nessa etapa, Ducrot (1988) determina alguns conceitos preliminares indispensáveis para o entendimento da TAL. Primeiramente, diferencia os conceitos de frase e enunciado. Nas palavras de Barbisan (2002, p. 140), “o enunciado é entendido como a realização da frase. Isso significa que o enunciado é uma entidade empírica, que se lê ou se ouve.” Já a frase é uma entidade teórica (abstrata) – uma construção da linguística para explicar a infinidade de enunciados, ou seja, não se pode ler nem ouvir frases, somente enunciados (DUCROT, 1988).

A língua é um conjunto de frases e o discurso é composto por uma sucessão de enunciados constituídos por diferentes segmentos dependentes entre si. Nesse contexto, a argumentação é entendida como resultado da relação entre o segmento enunciado-argumentativo (A) e enunciado-conclusão (C). Logo, no enunciado: “Faz sol, vamos à praia” e “Faz sol, não vamos à praia”; o valor argumentativo da expressão “faz sol” varia conforme as conclusões que se tira dela. No primeiro caso, o sol é favorável para ir à praia. No segundo, desfavorável.

Essa ideia de que cada expressão argumentativa deve levar a conclusões diversas passa a ser discutida na segunda fase da TAL, com a teoria dos *topoi* argumentativos. A forma *standard* passa a ser reformulada, dando lugar à forma *standard* ampliada, que acrescenta outras noções à TAL, principalmente a noção de *topos* e de *polifonia*.

Forma standard ampliada: noção de topos e de polifonia

Nesse segundo momento da TAL, Ducrot (1988) discute a possibilidade de duas frases, que comportam o mesmo operador argumentativo, permitirem conclusões diferentes sem se distinguirem no que diz respeito aos fatos enunciados por elas.

haciendo en ese momento: dice que no está lloviendo, ni hay vientos y nubes, etc. Hay por otra parte un aspecto subjetivo porque este enunciado indica en la mayoría de los casos una cierta satisfacción del locutor por el tiempo que hace [...]. Además hay un aspecto intersubjetivo porque el discurso permite al locutor proponer a su interlocutor hacer una salida, por ejemplo. (DUCROT, 1988, p. 50).

Nesse viés, o potencial argumentativo apresenta-se relacionado ao conjunto de *topoi* que pode ser evocado por uma entidade determinada. Os *topoi* são crenças, lugares comuns cuja função é orientar os enunciados em direção à conclusão. De acordo com Ducrot (1988), um enunciado como “Faz sol, vamos sair” só teria significação se fosse verificada a realidade da comunidade produtora do enunciado e se realmente “fazer sol” for um bom indício para sair. Por exemplo, Manaus, capital do estado do Amazonas, é um município absurdamente quente, com temperaturas em torno de 40 a 45 graus, que leva as pessoas a evitarem sair de suas casas quando “faz sol”. Diante dessa acepção, os manauenses chegariam à conclusão: “Faz sol, vamos ficar em casa”. Fundamentado na noção de *topos*, Ducrot (1988) passa a observar a argumentação não mais em termos dos enunciados e, sim, em relação aos enunciadores, procurando identificar o caráter argumentativo dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado.

Nesse processo, Ducrot (1988) alia a noção de *topos* à Teoria da Polifonia, uma vez que a descrição do sentido consiste em observar, nos enunciados, a fonte dos diferentes pontos de vista e o princípio argumentativo (*topos*) que evoca uma confluência de vozes, a polifonia. Segundo Barbisan (2002, p. 142), “pela noção de polifonia, a argumentação é descrita por meio de enunciadores que se apresentam no enunciado”. Isso leva a considerar que em um mesmo enunciado existe a presença de vários personagens com *status* linguísticos diferentes.

Ducrot (1988, p. 65) evidencia ainda, que o “sentido de um enunciado apresenta um certo número de pontos de vista”. Diante da questão, rebate um conceito da linguística clássica: a unicidade do sujeito falante e passa a distinguir o “locutor” (L): “a quem se atribui a responsabilidade pela enunciação no interior do próprio enunciado”, do “sujeito empírico” (SE): “definido como o autor efetivo, o produtor do enunciado” (FREITAS, 2007, p. 128). Essa distinção é feita em virtude de a argumentação ser produzida por meio do próprio sistema linguístico, enquanto o indivíduo real pertence ao mundo extralinguístico.

Na teoria da polifonia, cada enunciado apresenta uma pluralidade de pontos de vista diferentes. Surge, nessa etapa, o papel do enunciador (E) que “não é o responsável pelo enunciado e nem o produtor real dele, é o responsável pelos *pontos de vista* apresentados no enunciado”. (DUCROT, 1988, p. 66, grifo do autor). O papel do enunciador é evocar atitudes discursivas diante das quais o locutor se posicionará. Há, dessa forma, uma espécie de diálogo entre os enunciadores e o locutor,

fazendo surgir a polifonia no interior do enunciado.

Na segunda fase da TAL, a argumentação se constrói a partir das noções de polifonia e de *topos*. O locutor do enunciado (L) coloca em cena os enunciadores (E_1 , E_2 , E_3 , etc.), concordando ou não com eles, mas centrando a argumentação em um ponto de vista ou *topoi*.

Contudo, com a evolução da teoria, os próprios autores Ducrot e Carel perceberam que ao aliar a noção de *topos* à TAL estavam, na realidade, renunciando ao princípio estruturalista de estudar a língua por ela mesma, sem referências ao mundo. Nas palavras de Ducrot (2005, p. 12-13, tradução nossa³):

ao introduzir esses *topoi*, Jean-Claude Anscombe e eu embasávamos as relações argumentativas em princípios que não são de ordem linguística. Em outras palavras, apoiávamos a argumentação [...] em noções independentes da língua, estávamos, realmente, renunciando ao princípio saussureano segundo o qual estuda a língua por ela mesma.

Portanto, com a teoria dos *topoi* o sentido ultrapassava o linguístico, sendo preciso verificar fora da língua (no mundo) as condições para se depreender significação dos enunciados. Com efeito, Marion Carel percebeu que a teoria dos *topoi* contrariava a TAL, uma vez que recorria a elementos existentes no mundo exterior, enquanto que o princípio da TAL estaria voltado para uma argumentação de ordem estritamente linguística. Diante disso, a noção de *topos* dá lugar à Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), forma atual da TAL, que passa a ser desenvolvida por Ducrot e Carel a partir de 1992.

Teoria dos Blocos Semânticos: a argumentação inscrita no próprio sistema linguístico

A TBS desenvolve e aprofunda a TAL sem, no entanto, alterar as bases que a fundamentam. Dessa forma, a TBS estreita a compreensão do sentido como um elemento que só existe a partir do discurso, entendendo que argumentar é produzir discurso por meio dos encadeamentos argumentativos. Nessa fase, segundo Carel e Ducrot (2005, p. 13-14, tradução nossa⁴),

³ Al introducir estos *topoi*, Jean-Claude Anscombe y yo basábamos las relaciones argumentativas en principios que no son de orden lingüístico. En otras palabras, basábamos la argumentación [...] en nociones independientes de la lengua, estábamos, en realidad, renunciando al principio saussureano según el cual la lengua sólo se estudia a partir de ella misma. (DUCROT; CAREL, 2005, p. 12-13).

⁴ El sentido de una entidad lingüística no está constituido por cosas, hechos,

o sentido de uma entidade linguística não está constituído por coisas, fatos, propriedades, crenças psicológicas, nem ideias. Está constituído por certos discursos que essa entidade linguística evoca. Esses discursos serão caracterizados com o nome *de encadeamentos argumentativos*.

Os encadeamentos argumentativos são constituídos por uma sequência de proposições (no sentido sintático de termo) unidas por um “conector”. Se, na segunda fase da TBS, o argumento (A) e a conclusão (C) eram tomadas como unidades semanticamente independentes, unidas por um *topos*: “faz sol (A), vamos sair (C)”, cujo princípio que garantiria a passagem de A e C seria o “sol é bom para sair”, para a TBS é o próprio sentido do argumento que chama uma determinada conclusão. Ao se enunciar “faz sol (A), vamos ficar em casa (C)” percebe-se que A evoca sentidos distintos do exemplo anterior: em um o sol é bom para sair e em outro o sol é motivo para ficar em casa, ou seja, não se trata do mesmo sol. Há, pois, segundo Carel e Ducrot (2005), uma interdependência semântica entre argumento e conclusão, formando um bloco, e não na passagem de A para C. O bloco semântico, então, é o sentido resultante da interdependência entre os segmentos de um encadeamento argumentativo.

200

A forma geral que esquematiza os encadeamentos argumentativos é: X conector Y. No entanto, Carel e Ducrot (2005) só admitem dois tipos de conectores e, em consequência, dois tipos de encadeamentos argumentativos: os encadeamentos “normativos (DC)”⁵, com conectores do tipo “portanto (*donc*)”; e os encadeamentos “transgressivos (PT)”, com conectores do tipo “no entanto e/ou mesmo assim (*pourtant*)”. Exemplos: “Faz sol (A) DC vamos sair (C)”; e “Faz sol (A) PT vamos ficar em casa (C)”. Segundo Freitas (2007, p. 143, grifo do autor),

os encadeamentos com *donc* e com *pourtant* são estritamente paralelos: ambos reúnem blocos, regras, aspectos tópicos e os apresentam da mesma maneira. Em ambos os casos, eles se servem deles para construir um discurso “razoável”, “legítimo” e é neste sentido que eles são, um e outro, argumentativos.

propiedades, creencias psicológicas, ni ideas. Está constituído por ciertos discursos que esa entidad lingüística evoca. Esos discursos serán caracterizados con el nombre *de encadenamientos argumentativos*. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13-14).

⁵ Serão utilizadas, ao longo do trabalho, as siglas DC e PT para os conectores *portanto (donc)* e *no entanto/mesmo assim (pourtant)*, respectivamente. Porém, para a elaboração da notícia será utilizado o conector *pourtant* (PT) com o sentido de *mesmo assim* ao invés de *no entanto*, uma vez que explicita melhor o valor argumentativo das expressões destacadas no *corpus* selecionado.

Na TBS, o segmento X é chamado de A e o segmento Y de B, ambos podem ou não estar acompanhados de uma negação e são pertinentes para conexão em DC ou PT que é estabelecida pelo encadeamento. A partir de A e de B podem ser constituídas diferentes relações discursivas as quais Carel e Ducrot (2005) chamam de “aspectos argumentativos”, responsáveis por formar, posteriormente, o “quadrado argumentativo”, noção que formalizou os blocos semânticos.

Seguindo a ideia de normativo e transgressivo, Carel e Ducrot (2005, p. 22-23, tradução nossa) demonstram o primeiro bloco semântico (BS₁),

A CON B
A CON' Neg-B
Neg-A CON' B
Neg-A CON Neg-B (CAREL; DUCROT, 2005, p. 22).

Já o segundo bloco semântico (BS₂) é formalizado pelos seguintes aspectos:

A CON Neg-B
A CON' B
Neg-A CON B
Neg-A CON' Neg-B (CAREL; DUCROT, 2005, p. 24).

Na concepção de Carel e Ducrot (2005), A é o segmento-argumento, C o segmento-conclusão, CON é a abreviação de conector e CON' (conector linha) representa um conector contrário a CON. Desse modo, se CON for um conector normativo DC (portanto), CON' será transgressivo PT (no entanto). De outro lado, é possível considerar ambos os conectores inversamente: se CON designa PT, CON' designará DC. E, por último, a abreviação Neg., indicadora da negação.

Ainda, é necessário considerar que a argumentação dos encadeamentos pode ser manifestada tanto de forma externa quanto interna. A argumentação externa (AE) de uma entidade linguística deve conter aspectos nos quais ela figura como antecedente ou como conseqüente. A palavra prudente, por exemplo, evoca tanto a AE normativa “prudente DC confiança” quanto o seu converso, a AE transgressiva “prudente PT neg-confiança” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63). Nas palavras desses teóricos, essa argumentação pode apresentar o aspecto A DC B e, também, o aspecto converso A PT neg-B. Assim, cada aspecto em CON da AE está associado a um aspecto em CON' mas Neg.

Já a argumentação interna (AI) é constituída pelos encadeamentos que parafraseiam a entidade. Na concepção dos teóricos, a AI não está

materialmente marcada no enunciado, pois é uma expressão próxima da realizada, uma paráfrase do discurso, um encadeamento evocado, um aspecto expreso. De acordo com Carel e Ducrot (2005, p. 76), caso exista na AI um aspecto X CON Y, não se encontrará nessa mesma AI um aspecto que contenha o encadeamento converso X CON' Neg-Y". Essa é a grade diferença entre a AE e a AI: na AE tem-se DC e PT. Já, na AI, se tem DC, não se tem PT e se tem PT, não se tem DC. Assim, uma entidade não pode comportar ao mesmo tempo em sua AI um aspecto e o aspecto converso.

Retomando o exemplo da palavra "prudente", Carel e Ducrot (2005) partem da ideia de que: se alguém é "prudente", então toma precaução diante do perigo, ou seja, a AI de "é prudente" resulta em perigo DC precaução. Nesse sentido, os blocos semânticos construídos a partir dos enunciados de um discurso permitem que se explicita sua estrutura argumentativa, ou seja, o modo como a argumentação do discurso é produzida.

Com base na exposição feita sobre a TBS, analisar-se-á a notícia *online* "Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto" recorrendo a alguns dos conceitos até aqui apresentados. Certamente há ainda muitas considerações a serem feitas acerca da TBS, uma vez que essa terceira fase da TAL continua sendo analisada e aprimorada por seus autores, em especial por Marion Carel. No entanto, optou-se por apresentar algumas noções básicas, importantes para análise do *corpus* selecionado.

A próxima seção destina-se à apresentação dos procedimentos metodológicos definidos para a descrição e análise dos encadeamentos argumentativos depreendidos do texto jornalístico.

Procedimentos metodológicos

Este estudo de caráter descritivo-qualitativo contempla a análise de um texto jornalístico veiculado no *site* Zero Hora – Clic RBS, página policial, no dia 02 de novembro de 2016. Partiu-se, inicialmente, de um levantamento bibliográfico a respeito da Semântica Argumentativa, área de estudos na qual se inscreve a Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores (1988, 2002, 2005), a fim de identificar o caminho teórico percorrido pelos autores até chegar ao terceiro e atual momento, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase que embasará a análise realizada.

Na tentativa de contribuir para o entendimento sobre como o sentido é construído no texto, tendo por base a TAL, realizar-se-á, em um primeiro momento, a divisão do texto jornalístico em diferentes segmentos. Esses segmentos constituirão, posteriormente, os encadeamentos argumentativos (EA) responsáveis pela formação dos blocos semânticos. Esses encadeamentos serão orientados argumentativamente pelo uso de conectores explícitos ou implícitos (portanto – DC; no entanto/mesmo assim – PT).

Posteriormente, a análise voltar-se-á para a construção argumentativa da notícia, que se movimenta em torno da carga semântica do substantivo “bandido” e dos adjetivos “bom” e “morto”. Nessa etapa, faz-se necessário a identificação da argumentação interna (AI) e externa (AE) dessas palavras, que instruem o movimento da argumentação para a construção do primeiro quadrado argumentativo, correspondendo ao primeiro bloco semântico (BS₁).

Em um terceiro momento, será realizada a descrição semântica dos demais enunciados da notícia, com vista à elaboração do segundo bloco semântico (BS₂). Os encadeamentos argumentativos presentes nos dois primeiros blocos semânticos serão articulados entre si, a fim de destacar o encadeamento global que se depreende do texto jornalístico.

Por fim, da união entre o encadeamento global destacado do BS₁ e do BS₂, chegar-se-á ao sentido global do discurso, que só pode ser dado, segundo Ducrot e Carel (2005), com base nos encadeamentos semânticos interconectados e interdependentes.

Nesse propósito é apresentada, a seguir, a análise do texto jornalístico, a notícia: “Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto”.

A Teoria dos Blocos Semânticos e as relações de sentido no texto jornalístico

A tão conhecida frase “bandido bom é bandido morto” recebe o apoio de 57% da população brasileira. Essa foi a conclusão da pesquisa realizada pelo Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública para medir a percepção do país a respeito da violência. A notícia, vinculada no site ZH – Clic RBS, no dia 02 de novembro de 2016, é tomada como *corpus* deste estudo, pois apresenta um discurso que explicita uma dupla informação e que, posteriormente, conduz o leitor a uma única significação. Essa ideia confirma a tese de Carel e Ducrot (2005), de que os encadeamentos argumentativos só têm uma realidade discursiva.

Pensando nisso, a análise proposta tem como objetivo aplicar os fundamentos teóricos da TBS, com o propósito de identificar e esclarecer o sentido global do discurso da notícia analisada, a fim de demonstrar, segundo os preceitos da TAL, que o sentido de um discurso não depende de elementos extralinguísticos, ideologias ou crenças pessoais, ao contrário, o sentido parte do linguístico e da interdependência semântica entre as palavras. Com vista à análise, é apresentada a notícia⁶ selecionada.

Figura 1 – Notícia publicada no site ZH – Clic RBS

Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto

1 Uma pesquisa nacional divulgada nesta quarta-feira aponta que 57% dos brasileiros concordam com a afirmação “bandido bom é bandido morto”.

2 Os números aparecem em levantamento do Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Um conjunto de 34% dos entrevistados discorda da frase. De acordo com a publicação, 6% não concordam e não discordam e outros 3% não sabem.

3 Conforme o estudo, que ouviu 3.625 brasileiros com mais de 16 anos em 217 municípios de todo o país, a concordância com a frase predomina entre homens, com mais de 45 anos, com até Ensino Fundamental completo e com renda superior a 10 salários mínimos.

4 A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Fonte: ZH – Polícia (2 nov. 2016)

Percebe-se, a partir do título da notícia “Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto”, que a interação argumentativa do texto acontece em torno da palavra “bandido”, como forma de nomear o indivíduo criminoso que pratica atividades contra a lei. Essa expressão justifica o fato de que mais da metade da população brasileira concorda com a afirmação “bandido bom é bandido morto”, o que revela que os brasileiros, de certa forma, aprovam a violência por parte dos agentes da lei. A construção argumentativa do título revela o valor que os signos “bandido bom” e “bandido morto” possuem nessa situação. Um determina o sentido do outro, uma vez que são dois segmentos interdependentes semanticamente.

⁶ O texto, conforme apresentado na página do site, encontra-se em anexo neste trabalho.

Para analisar o sentido desses enunciados, é necessário que se explicita o encadeamento argumentativo em DC ou em PT que eles permitem evocar. A expressão “bandido bom é bandido morto” produz enunciados que podem ser representados pelo encadeamento argumentativo transgressivo “bandido PT⁷ (mesmo assim) bom”, que teria como converso o encadeamento normativo “bandido DC (portanto) neg-bom”. Note-se que esse par de encadeamentos constitui argumentações externas (AE) à direita de bandido.

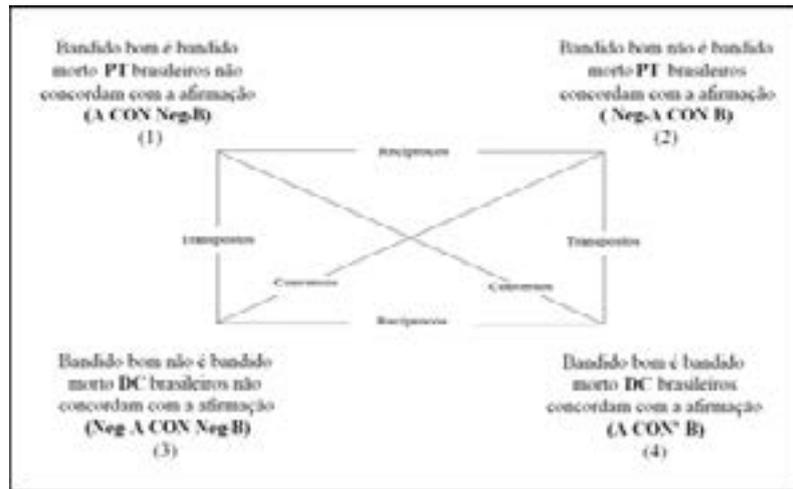
Segundo Barbisan (2002, p. 143), a partir da AE é possível identificar os discursos nos quais são “assinaladas as causas ou as consequências da entidade linguística, conforme esta esteja à direita ou à esquerda”. No texto analisado, a AE à direita da palavra *bandido* contribui para reafirmar o sentido discursivo dessa expressão, ou seja, se é bandido (causa) não pode ser bom (consequência).

Vale destacar, que na organização do BS, a AE pode estar diretamente ligada à AI de uma entidade linguística, uma vez que os sentidos não materializados no enunciado também devem ser mobilizados. Faz-se necessária, desse modo, a identificação da AI da palavra *bandido*, isto é, um encadeamento em PT ou em DC que parafraseie a entidade linguística em questão. De acordo com Carel e Ducrot (2005), as argumentações internas (AIs) são agrupadas em conjuntos chamados aspectos.

Nesse sentido, verifica-se que a palavra *bandido* pode ser parafraseada como: criminoso que pratica atos contra a lei. Assim, “pratica atos contra lei *portanto* não é um indivíduo bom” (A CON Neg-B). Agrupando as AE e a AI é possível construir o primeiro quadrado argumentativo, composto por quatro aspectos diferentes responsáveis pela formação do primeiro bloco semântico (BS₁), sendo A = criminoso que pratica atos contra a lei e B = indivíduo bom. Desse modo, atentemos para a Figura 2:

⁷ Na elaboração do BS₁ será utilizado o conector *pourtant* (PT) com o sentido de *mesmo assim* ao invés de *no entanto*, uma vez que explicita melhor o valor argumentativo das expressões destacadas no *corpus* selecionado.

Figura 2 – Quadrado argumentativo correspondente ao BS1 – originado da notícia



Fonte: Elaborada pelos autores

Nota-se que a AI da palavra *bandido* contribui para justificar a afirmação “bandido bom é bandido morto”. O uso da figura de linguagem paradoxo, que expressa um pensamento contrário, fundamenta o sentido que a expressão pretendente evocar. Se, na AI de “bandido” fica claro que bandido é: criminoso que pratica atos contra lei, o aspecto transgressivo apresentado em (1) identifica a possibilidade de que: pratica atos contra lei *mesmo assim* (PT) pode ser um indivíduo bom, ou seja, eficaz naquilo que faz de melhor: cometer crimes.

No entanto, a contradição “bandido bom” mobiliza um EA contrário, ou seja, a orientação argumentativa normativa evidenciada em (4): “criminoso que pratica atos contra a lei *portanto* (DC) não é indivíduo bom”. Desse modo, há a possibilidade de existirem os aspectos transgressivos apresentados em (1) e (2). Ou seja, um criminoso que pratica atos contra a lei pode, mesmo assim, ser um indivíduo bom e, mesmo não sendo criminoso que pratica atos contra pode, *mesmo assim* não ser indivíduo bom.

Observa-se que a utilização da terceira pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo ser, para ligar as duas expressões: “bandido bom” é “bandido morto”, corrobora a ideia de que a notícia rechaça os aspectos transgressivos apresentados nos segmentos (1) e (2). Mesmo existindo a possibilidade de o “bandido” ser “bom”, pois desempenha a função de cometer atos contra a lei com eficácia, para os brasileiros se ele é “bom” naquilo que faz, ele não é um “indivíduo bom” para conviver em sociedade, é um criminoso, e criminosos devem estar presos ou devem deixar de existir.

É evidente o posicionamento assumido pela notícia – o aspecto normativo evidenciado em (4). Logo, os encadeamentos argumentativos da expressão “bandido bom é bandido morto” estão interligados e são interdependentes. Sendo assim, tem-se o primeiro bloco semântico do *corpus* analisado:

Encadeamento global do BS₁: Bandido é o criminoso que pratica atos contra lei *portanto* (DC) não é indivíduo bom

Tomando como ponto de partida o encadeamento global do BS₁, e a união entre o substantivo “bandido” e os adjetivos “criminoso e bom”, faz-se necessário analisar os demais segmentos que constituem o *corpus* selecionado, com o objetivo de identificar como a notícia mobiliza o posicionamento assumido pela população brasileira diante dos fatos narrados. Os resultados destacados constituirão o segundo bloco semântico (BS₂), fundamental para se alcançar o sentido global da notícia analisada.

Tendo em vista o primeiro parágrafo⁸ do texto, é possível destacar o seguinte segmento:

S₁: Uma pesquisa nacional divulgada nesta quarta-feira aponta que 57% dos brasileiros concordam com a afirmação “bandido bom é bandido morto”.

a) 57% dos brasileiros **DC** mais da metade da população;

Mesmo verbalizando a ideia de que mais da metade da população brasileira concorda com a afirmação expressa pela pesquisa, percebe-se a existência de outros 43% da população que não pensam da mesma maneira. Esse fato condensa um discurso em *pourtant* (no entanto) do tipo:

b) 57% dos brasileiros concordam com a afirmação **PT** 43% dos brasileiros não pensam dessa maneira.

É possível observar que o aspecto transgressivo (PT) marca a relação de dependência entre o S₁, primeiro parágrafo, e o que será introduzido no S₂, segundo parágrafo, confirmando a tese de que

⁸ A notícia é constituída por quatro (4) parágrafos, que estão enumerados no quadro. Cada um será considerado um segmento (S₁, S₂, S₃ e S₄). Esses segmentos constituirão, posteriormente, os encadeamentos argumentativos (EA) responsáveis pela formação do bloco semântico (BS).

diferentes segmentos de discurso unem-se a outros, com introdução de diferentes sentidos pela argumentatividade (CAREL; DUCROT, 2005).

Se a pesquisa afirma que para 57% dos brasileiros “bandido bom é bandido morto”, faz-se necessário apresentar a opinião do restante da população que não se encaixa na porcentagem. Há, assim, uma interdependência entre S_1 e S_2 , que se constitui através da articulação de conectores do tipo DC (portanto) e PT (no entanto). É perceptível, ainda, que S_2 fornece legitimidade para o sentido produzido em S_1 .

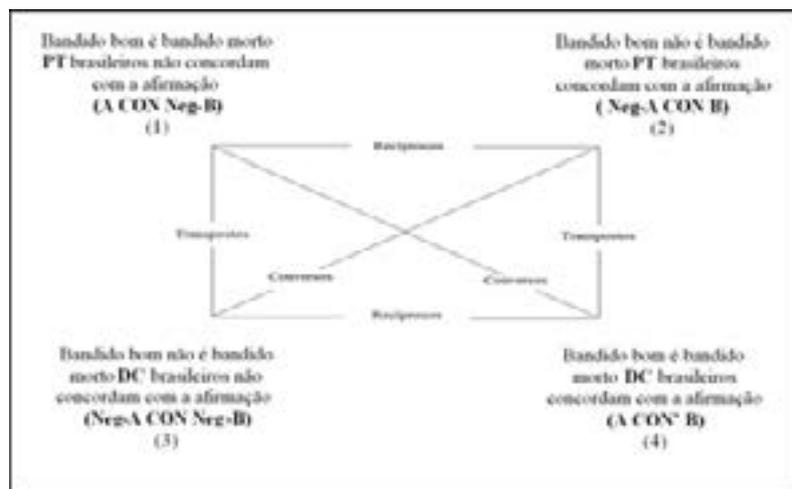
S_1 – 57% dos brasileiros concordam com a afirmação “bandido bom é bandido morto” PT 43% dos brasileiros pensam diferente;

S_2 – 43% dos brasileiros pensam diferente DC 34% dos entrevistados discordam da frase, 6% não concordam e não discordam e outros 3% não sabem.

É importante ressaltar que normatividade (DC) e transgressividade (PT⁹) nada têm a ver com ideologias, sentidos pré-estabelecidos ou ainda normas sociais. Elas derivam exclusivamente do sentido intrínseco das palavras e são fruto das relações empreendidas entre os segmentos de um enunciado (CAREL; DUCROT, 2005).

Dessa forma, da união entre S_1 e S_2 é possível construir um conjunto de quatro encadeamentos argumentativos e formar o segundo bloco semântico (BS_2). Sendo A = bandido bom é bandido morto e B = brasileiros concordam com a afirmação. Então vejamos a Figura 3:

Figura 3 – Quadrado argumentativo correspondente ao BS_2 – originado da notícia



Fonte: Elaborada pelos autores

⁹ Para a organização dos encadeamentos argumentativos, no BS_2 , utilizou-se o conector *pourtant* (PT) com o sentido de *no entanto*.

Um bloco semântico apresenta vários aspectos: os recíprocos: positivo e negativo, os conversos: normativo e transgressivo, e os aspectos transpostos: positivo normativo e negativo transgressivo. (CAREL; DUCROT, 2005).

As relações argumentativas, definidas pelo jogo de conectores e pela inserção da negação, correspondem às relações discursivas. Ou seja, são quatro possibilidades discursivas que se organizam em torno de um mesmo bloco semântico, de uma mesma argumentação. No quadrado argumentativo correspondente ao BS_2 , o EA_1 e EA_2 confirmam a existência de pessoas que não concordam com a afirmação “bandido bom é bandido morto”, por isso aceitariam a expressão: “bandido bom não é bandido morto”. No aspecto transposto à EA_1 , o EA_3 , é explicitado novamente esse ponto de vista, porém reafirmando que os brasileiros não concordam com a declaração.

No entanto, conforme identificado no BS_1 esses aspectos não podem ser considerados, uma vez confirmada a AI da palavra bandido, constata-se que “bandido é criminoso, portanto não pode ser bom”, excluindo, automaticamente, os pontos de vista apresentados no segmento (1) e (2) e (3), pois não produzem o efeito de sentido almejado pela pesquisa.

O sentido global que a notícia analisada pretendeu construir só é confirmado pelo aspecto converso ao EA_1 , o EA_4 . Ou seja, se a AI da palavra bandido confirma que “não pode ser bom porque é criminoso, a AE – “bandido DC morto” é tomada como única possibilidade discursiva no texto jornalístico. Comprovando que para a sociedade não existe bandido bom, mas sim uma pessoa que apresentou uma conduta desviante diante de uma Lei pré-estabelecida e que merece ser investigada, julgada e punida.

Assim, tem-se como resultado possível da interdependência semântica entre S_1 e S_2 , o encadeamento global do BS_2 :

Encadeamento global do BS_2 : Não existe “bandido” bom *portanto* (DC) para 57% da população brasileira BOM é se o bandido estiver morto.

Nota-se que, tanto no BS_1 quanto no BS_2 a notícia mobiliza a aspecto normativo em *donc* (DC) para reforçar a tese inicial e argumentar que, mesmo havendo a não aceitação de alguns brasileiros com os dados apresentados na pesquisa, não há a possibilidade de um criminoso que pratica atos contra a lei ser um indivíduo bom, PORTANTO é justificável

a opinião da população que deseja unicamente a extinção desses indivíduos aprovando, conseqüentemente, a violência por parte dos agentes da lei.

Verifica-se, assim, que na tessitura do quadrado argumentativo o texto da notícia forma um encadeamento global, cujas partes (segmentos que o constituem) estão a serviço da construção da unidade argumentativa desse como um todo de sentido.

Conforme Ducrot e Carel (2005), os preceitos da TBS podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor do sentido global do discurso. Dessa forma, da interdependência entre os segmentos argumentativos tem-se os EA que formam os blocos semânticos e, dessa relação, depreende-se o sentido global do discurso analisado. Esse sentido (bloco semântico do discurso complexo) fica assim representado em seu movimento argumentativo, mediante a utilização do conector *donc* (PT).

Sentido global da notícia: Bandido é criminoso, por isso não é bom **PORTANTO** (DC) deve ser morto.

Como se percebe, o sentido da expressão “bandido bom é bandido morto” só pode ser dado nos discursos argumentativos que foram encadeados a partir dessa expressão, tanto internos, quanto externos. Isso confirma a tese defendida por Carel e Ducrot (2005, p. 13) de que “a argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido”. Dessa maneira, o sentido global de um texto decorre, por interdependência semântica, da relação entre os segmentos que constituem o encadeamento argumentativo.

Conforme evidenciado anteriormente, o BS é constituído de dois aspectos – DC e PT, mas o locutor assume só um dos dois aspectos. No *corpus* analisado o ponto de vista assumido pelo texto jornalístico é normativo (DC), ou seja, mobiliza uma conclusão possível para o uso da contradição “bandido bom”. Essa conclusão não *transgride* a norma e aceita os fatos apresentados pela pesquisa: Se bandido não é um indivíduo bom, conseqüentemente, será bom se esse indivíduo estiver morto, justificando como possível a afirmação “bandido bom é bandido morto”, admitida pela população brasileira conforme narra a notícia analisada.

Ainda é possível perceber outros discursos argumentativos que se depreendem do *corpus* analisado. Todos mobilizados pelo conector normativo *portanto* (DC). Nos segmentos três e quatro (**S₃** e **S₄**) fica evidente que:

- S₃** – a concordância com a frase predomina entre os homens, com mais de 45 anos. **PORTANTO** quanto mais velho, mais a expressão é aprovada; a concordância com a frase predomina, ainda, entre homens com até Ensino Fundamental completo e com renda superior a 10 salários mínimos, **PORTANTO** a pesquisa mostra percepções diferentes entre os níveis de escolaridade e estratos sociais.
- S₄** – a pesquisa apresenta margem de erro “dois pontos percentuais para mais ou para menos”, **PORTANTO** pode haver mais ou menos brasileiros concordando com a famosa definição.

Enfim, os estudos de Ducrot e de Carel (2005) contribuem para a compreensão do funcionamento do discurso de um texto jornalístico. Assim, para se chegar ao sentido é preciso seguir as pistas deixadas pelos encadeamentos argumentativos construídos por meio das sequências enunciativas do texto, uma vez que o sentido é construído, segundo a TBS, no seu próprio interior e não fora dele.

Considerações finais

A temática em torno da qual se desenvolveu este estudo insere-se nos pressupostos da Semântica Argumentativa, vertente teórica que se dedica ao estudo da argumentação inscrita no próprio sistema linguístico, motivo pelo qual recebe a denominação de Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Nesse viés, buscou-se como delimitação teórica os conceitos fundamentais da TAL, de Oswald Ducrot e colaboradores (1988, 2002, 2005), mais especificamente no que se refere ao terceiro momento da teoria: o modelo teórico dos Blocos Semânticos (TBS).

O *corpus* analisado constituiu-se da notícia veiculada pelo jornal Zero Hora, no site ZH – Clic RBS, no dia 02 de novembro de 2016, que revela a concordância de 57% da população brasileira com a tão conhecida declaração “bandido bom é bandido morto”, segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, entre os dias primeiro e cinco de agosto do corrente ano.

Partiu-se, inicialmente, da premissa de que os preceitos da TBS podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor do sentido global do discurso no texto jornalístico, uma vez que as palavras não são tomadas isoladamente, mas pela união com outras

palavras, enunciados e parágrafos, e pelo conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua.

Uma vez confirmada essa questão, o objetivo do trabalho pôde ser alcançado, tendo em vista que os sentidos depreendidos dos enunciados do texto jornalístico foram produzidos por meio do recurso metodológico da organização dos blocos semânticos. Ou seja, é a relação de interdependência entre as palavras que torna argumentativo os discursos, não cabendo interferência de elementos extralinguísticos.

Verificou-se durante a análise, que o discurso é uma sequência complexa de encadeamentos semânticos que exprimem argumentações internas e externas de entidades lexicais que o compõem, constituindo, assim, o quadrado argumentativo de um bloco semântico. A partir do bloco semântico observou-se como se constrói a organização de enunciados no interior do texto. Com isso, os preceitos da TBS serviram de recurso facilitador e esclarecedor para se chegar ao sentido global da notícia analisada.

Nesse contexto, a TBS oferece muitas possibilidades de investigação de diferentes tipos de textos, pois facilita a compreensão do sentido como um elemento que só existe a partir do discurso. Porém, sabe-se que o que foi evidenciado neste trabalho necessita, ainda, maior investimento de tempo e aprofundamento, trata-se de um estudo, por ora, abreviativo. De qualquer forma, ressalta-se que a exposição teórica e a análise do texto jornalístico possibilitaram uma visão mais geral acerca da TAL e de sua produtividade na leitura e na interpretação de textos.

A TAL continua sendo estudada e aprimorada por Marion Carel e Oswald Ducrot, porém o foco dos estudos continua voltado à perspectiva estruturalista de que a argumentação está marcada na língua e não na relação dessa com um fato externo. Carel e Ducrot buscam no próprio enunciado (e não fora dele, em relações pragmáticas) o seu significado. E esse é o princípio que continua regendo seus estudos.

Referências

BARBISAN, L. B. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set. 2002.

CAREL, M.; DUCROT, O. **La semántica argumentativa**. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 11-90.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Conferencias del seminario

Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Os internalizadores. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 129, p. 7-26, 2002.

FREITAS, E. C. de. **Semântica argumentativa**: a construção do sentido no discurso. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.

ZH-POLÍCIA. **Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto**. ZH Polícia, 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/11/para-57-dos-brasileiros-bandido-bom-e-bandido-morto-8122773.html>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

Recebido em: 20 de jan. de 2017.

Aceito em: 03 de jul. de 2017.

Anexo

Menu Capa ZH ZH Policia Entrar Assine

Opinião e notícias diárias da dupla Cre-Nail ZH Digital ASSINE

Opinião

Para 57% dos brasileiros, bandido bom é bandido morto

Pesquisa feita pelo Datafolha revelou também que 64% dos brasileiros acreditam que os policiais são vítimas de criminosos

Por: Agência Brasil e Zero Hora
12/11/2016 13:02 (Atualizado em 12/11/2016 13:04)

Uma pesquisa nacional divulgada nesta quarta-feira aponta que 57% dos brasileiros concordam com a afirmação "bandido bom é bandido morto". Os números aparecem em levantamento do Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Um conjunto de 34% dos entrevistados discorda da frase. De acordo com a publicação, 6% não concordam e não discordam e outros 3% não sabem.

Conforme o estudo, que ouviu 3.023 brasileiros com mais de 10 anos em 217 municípios de todo o país, a concordância com a frase predomina entre homens, com mais de 45 anos, com até Ensino Fundamental completo e com renda superior a 10 salários mínimos. A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.